

Ulysses é reeleito sob clima de tensão

Fotos: Josenar Gonçalves

"Saibam que amo profundamente esta Casa, tanto quanto a minha família", declarou emocionado Ulysses Guimarães, reeleito ontem presidente da Câmara dos Deputados, derrotando seu opositor, Fernando Lyra. Dos 299 votos contra 155 foi eleito também a chapa de entendimento proposta pelo PMDB; votaram 481 dos 487 deputados.

Esta é a terceira vez que Ulysses ocupa a presidência da Câmara. Nas rápidas palavras que dirigiu ao plenário logo após a proclamação do resultado, afirmou que a escolha do seu nome "é um estímulo para coordenar os trabalhos a fim de que tenham rendimento para as respostas que cabe dar a este País". Ulysses agradeceu a efetividade do exercício da democracia da Câmara.

A sessão que elegeu a nova Mesa Diretora começou sob um clima de muita tensão. Marcada inicialmente para às 9 horas, atrasou por uma hora e meia devido às diversas reuniões de entendimento mantidas entre os líderes partidários.

Depois de muita articulação, o vice-presidente da Câmara, Humberto Souto (PFL/MG), a quem coube presidir os trabalhos, entrou no plenário com a incumbência de garantir a votação a qualquer custo.

Os trabalhos foram abertos por Ulysses Guimarães, que deu posse ao deputado Antero Barros (PMDB/MT), que não pôde estar presente à sessão de ontem. Em seguida, Domingos Leonelli (PMD-B/BA) levantou a primeira questão de ordem. O parlamentar recorreu ao texto da Emenda 26, que convocou a Constituinte, para defender o não funcionamento da Câmara e Senado durante os trabalhos da Assembleia. Segundo

Leonelli, a Emenda 26 convoca a eleição de deputados e senadores que se reunirão sob a forma de Assembleia Nacional Constituinte unicameralmente.

Neste momento, Ulysses Guimarães interrompeu o parlamentar para informar que, por estar postulando a presidência da Câmara, preferia ficar isento das discussões e passou a presidência dos trabalhos a Humberto Souto, tomando lugar no plenário.

A partir daí surgiram uma série de questões de ordem por parte de deputados do PMDB, PCB e PT numa clara manobra obstrucionista para impedir a eleição do presidente da Câmara. A estratégia desses parlamentares era assegurar que o presidente não seria eleito até o início da sessão da Assembleia Constituinte, marcada para às 16 horas.

A resistência às manobras foi muito grande. E os apertes daqueles que procuravam obstruir a votação bastante incisivos. O deputado Cardoso Alves (PMDB/SP) precisou gritar para ser ouvido.

O líder do PFL também estava muito irritado. "Ficou claro desde o início que a Constituinte não seria exclusivamente, que existia Câmara e Senado. Alguns parlamentares querem revogar a Constituição em vigor, e estabelecer o Estado anárquico, legislando através da Constituinte. Isso o PFL não aceita", afirmou o líder da Frente Liberal. Lourenço foi contestado por Roberto Freire (PCB/PE), que argumentou ser a Emenda 26 muito clara.

Eram 11h20 quando Humberto Souto encerrou as questões de ordem a apertes e comunicou ao plenário que encaminharia a vo-

tação. O candidato de oposição a Ulysses Guimarães, deputado Fernando Lyra, foi à tribuna para apresentar a sua candidatura. "Coloco o meu nome para o julgamento dos companheiros" — disse Lyra.

Em seguida, foram apresentadas as candidaturas avulsas. José Genoíno (PT/SP) colocou o nome da deputada Irma Passoni (PT/SP) a uma vaga de suplente. O líder do PDT, Brandão Monteiro (RJ) apresentou Amaury Müller como candidato do partido à quarta secretaria. Roberto Jefferson lançou a sua própria candidatura à terceira secretaria e Rose de Freitas se apresentou como candidata ao mesmo cargo que Jefferson, sob o argumento de que era importante garantir a presença feminina na Mesa.

A apuração dos votos para a Mesa da Câmara terminou às 16h30. A chapa de entendimento proposta pelo PMDB foi vencedora e a deputada Irma Passoni ocupou a terceira suplência. Com o resultado da eleição, a composição da Mesa fica assim: Presidente: Ulysses Guimarães; primeiro vice-presidente, Homero Santos (PFL/MG); segunda vice-presidência, Paulo Mincarone (PMDB-RS); primeira secretaria, Paes de Andrade (PMDB-CE); segunda secretaria, Albérico Cordeiro (PFL/AL); terceira secretaria, Heráclito Fortes (PMDB-PI); e quarta secretaria, Cunha Bueno (PDS-SP). A suplência ficou assim dividida: primeira suplência, Daso Coimbra (PMDB-RJ); segunda, Mendes Botelho (PTB-SP); terceira, Irma Passoni (PT/SP) e quarta suplência, Oswaldo Almeida (PL/RJ).



Ulysses: "Amo essa casa, tanto quanto amo minha família"

Sucessão, próxima meta

Com a expressiva vitória na disputa pela presidência da Câmara, o deputado Ulysses Guimarães confirmou o seu papel de principal liderança política do país. Mesmo que para isto tenha precisado do apoio de seus principais adversários nas últimas eleições.

Abertas as urnas de 15 de novembro, com a esmagadora vitória do PMDB em todo o país, Ulysses foi imediatamente alçado a uma espécie de primeiro-ministro, contestável da Nova República. Não pôde sequer saborear o seu novo status político: o aval dado ao Cruzado II, particularmente lhe desgastou.

Dos problemas econômicos, Ulysses quase ao mesmo tempo passou também a enfrentar obstáculos políticos, expressos na candidatura do deputado Fernando Lyra à presidência da Câmara. O crescimento da candidatura Lyra enfraqueceu Ulysses, obrigando-o inclusive a aceitar ameaças do PFL e a atuar defensivamente para não desagradar os seus possíveis eleitores.

Nas últimas semanas, o Ulysses que ditava regras para o governo, cantava loas à vitória do PMDB, cedeu lugar ao político candidato. Na sessão da instalação da Constituinte teve o cuidado incomum de enviar um bilhete ao deputado José Genoíno, do PT, informando estar do seu lado na reivindicação para que os partidos se manifestassem.

Passada a eleição, Ulysses retorna a seu lugar. Mas os acordos de campanha, especialmente com o PFL, podem a curto prazo inibi-lo de investidas como a defesa da reforma ministerial. Ele garante que não há acordos secretos, mas apenas os feitos habitualmente nas eleições para as Mesas diretoras do Congresso Nacional.

Alvos permanentes de Ulysses, como os ministros Marco Maciel e Antônio Carlos Magalhães, já vieram a público relatar seus esforços no sentido de garantir a reeleição do presidente da Câmara. E, no Congresso, o PFL deixou a postura defensiva que adquiriu após a derrota nas urnas e está em plena ofensiva com exigências de melhor tratamento e até impondo condições ao PMDB.

Na opinião do deputado Egidio Ferreira Lima, todos os acordos, já foram cumpridos na própria eleição de Ulysses e do restante da Mesa da Câmara. Para ele, Ulysses está agora sem as amarras e os condicionamentos de candidato e poderá cumprir o seu papel à frente da Constituinte sem qualquer constrangimento.

Ulysses, que deseja suceder o presidente José Sarney no Palácio do Planalto, ganhou, ontem, mais do que as presidências da Câmara e da Constituinte: com a soma de poder dos seus vários cargos, sai na pole-position na corrida da sucessão presidencial. (A.M.)

Presidente afirma que o resultado foi justo

"Parabéns. Eu já esperava esta vitória". Sem surpresas o presidente José Sarney foi comunicado oficialmente às 14h45 de ontem, através de um telefonema do próprio deputado Ulysses Guimarães, do resultado da eleição para a presidência da Câmara dos Deputados. Num dia em que as discussões do Congresso causaram momentos de apreensão no Palácio do Planalto, a reeleição do deputado era considerada pacífica tanto para o presidente Sarney quanto para o ministro Marco Maciel, já que contava com o apoio declarado da grande maioria dos parlamentares do PMDB e PFL.

Segundo o secretário de imprensa, Frota Neto, o presidente considerou o resultado da eleição uma "decisão de justiça", já que a presença de Ulysses Guimarães na presidência da Câmara era uma garantia de "patriotismo e coragem à serviço de uma Constituição para o Brasil moderno". Apesar da possibilidade de uma derrota já ter sido descartada desde o início da semana passada pelo próprio deputado Fernando Lyra, o encaminhamento de Ulysses à presidência da Câmara tinha, para Sarney, duplo "sabor de vitória": a tranquilidade de um político fiel e equilibrado para ocupar eventualmente a presidência da República e o atrelamento definitivo do maior partido político do País ao chefe do Poder

Executivo, já que o presidente e seus assessores diretos desempenharam papéis fundamentais na recondução de Ulysses à função de presidente da Câmara.

Para o ministro Marco Maciel — que garantiu que os votos dos deputados peefelistas fossem todos para Ulysses Guimarães, com a possibilidade apenas de "um ou outro vazamento", já que a eleição era secreta — o resultado da eleição foi uma "decisão que se impunha", já que o seu nome era o mais adequado para o momento do País. Ele acompanhou toda a apuração através de informes periódicos do líder do PFL na Câmara, deputado José Lourenço.

Junto com a eleição de Ulysses Guimarães, o presidente suspirou aliviado com a eliminação da tese da Constituinte exclusiva. Acusada pelos parlamentares, argumentavam ontem assessores do presidente Sarney, ela daria aos constituintes "plenos poderes", desorganizando institucionalmente o País. "A ideia era um cordão de pólvora e que ninguém sabia a dimensão", definia um assessor do Palácio do Planalto.

No final da noite, depois das muitas polémicas na outra ponta da Praça dos Três poderes, os habitantes do Palácio do Planalto dormiram em paz. Apesar dos sustos a Constituinte se instalava dentro de todas as previsões governamentais.

Deputado ausente na posse presta juramento atrasado

Antero de Barros, 34 anos, perdeu o melhor da festa. Dos 559 constituintes, ele foi o único que não pôde comparecer à cerimônia de instalação, no dia 1º.

Eleito deputado constituinte pelo PMDB do Mato Grosso, o ex-jornalista Antero de Barros chegou a Brasília na quarta-feira passada mas surgiu um problema: a câmara municipal iria eleger (no mesmo domingo da instalação da cons-

tituinte) o presidente da mesa e exigia a presença de Antero.

O esforço de Antero foi inútil. Ele viajou para Cuiabá no sábado, com a missão de neutralizar um movimento dissidente. Seu voto teria bastado para equilibrar as forças e eleger o candidato de sua bancada. Mas, enquanto ele estava a caminho de Mato Grosso, outro vereador do PMDB decidiu virar dissidente.



Deputado acha que decisão é histórica

O deputado Ulysses Guimarães, ao ser perguntado, ontem, depois de sua vitória à presidência da Câmara dos Deputados, sobre qual das duas presidências considerava mais importantes — se a da Constituinte ou da própria Câmara — afirmou que dirigir os trabalhos da nova Constituição "é uma decisão que fica para a História".

Já empossado, Ulysses fez um discurso de dois minutos agradecendo aos "que votaram na minha candidatura e aos que não o fizeram", ele disse que "um de democrata, que há tanto tempo luta por este regime e o pratica, respeita profundamente a posição que tomaram". Recebeu então muitas palmas e cumprimentos. Ao sair do plenário, o dirigente peemedebista afirmou estar plenamente realizado — "com a confiança redobrada para servir meu país em outro espaço que me seja confiado" — revelando sua confiança na tranquila eleição para a presidência da Constituinte, à noite.

Indagado por um repórter sobre a diferença que existia entre ele e o deputado Fernando Lyra, o presidente do PMDB e da Câmara declarou entre sorrisos: "A diferença é que me chamo Ulysses Guimarães e ele Fernando Lyra".

Ao chegar em sua residência, no Lago Sul, Ulysses foi recebido por toda a família e mais alguns amigos que o cumprimentaram. O presidente José Sarney telefonou, felicitando-o pela vitória. As três linhas telefônicas da casa de Ulysses permaneceram congestionadas durante todo o período de almoço e início da tarde. Sua esposa, D. Mora, não escondia seu contentamento com a vitória do marido e à tarde acompanhou-o até a Câmara. Ulysses, depois de receber os cumprimentos do governador eleito da Bahia, Waldyr Pires, de senadores e deputados, trançou-se em seu gabinete com os líderes partidários para tratar da elaboração de um anteprojeto de regimento interno.

Ulysses respondeu, ao ser questionado, sobre qual das duas presidências considera mais importante — Câmara ou Constituinte — que dirigir os trabalhos de elaboração da nova Constituição "é uma decisão que fica para a história".

Mudanças na "máquina" vão manter ritmo

Os trabalhos da Assembleia Nacional Constituinte não afetarão de maneira alguma, o projeto de reforma da máquina administrativa do governo que será tocada a todo pano, garantiu ontem o ministro da Sedap (Secretaria de Administração da Presidência da República), Aluizio Alves. Na opinião do ministro, a reforma administrativa não será nem retardada, nem agilizad, mas permanecerá no mesmo ritmo em que está se processando, acompanhando apenas as tendências reveladas nos trabalhos constitucionais.

Aluizio Alves não concorda com a tese de que a Constituinte deva ser exclusiva e unicameral. Para ele, essa ideia "parece coisa de estudante da UNE, de deputados jovens e inexperientes", uma vez que o Poder Legislativo não pode ser imobilizado. O Congresso, adverte Aluizio, não pode ser colocado de lado, porque a Constituinte não pode legislar em matéria ordinária, e além disso acrescenta, "o governo precisa ter uma coordenação política".

Subversão Segundo o ministro, a Constituinte não irá remendar a atual Constituição, mas elaborar uma nova, mesmo porque, segundo ele, tal procedimento significaria um desrespeito à atual Constituição, "um ato de subversão". O ministro prevê ainda que os trabalhos da Constituinte deverão ultrapassar a data limite de sete de setembro, devendo somar um ano para ser concluída. E justifica tal previsão, relembrando a elaboração da Constituinte de 46, da qual foi um dos mais jovens deputados eleitos — 22 anos. Na ocasião, observa, os constituintes levaram dez meses para concluí-la, mesmo com o então presidente Eurico Gaspar Dutra tendo poderes para baixar decretos-lei, atitude que Sarney agora recusou.

Vergonha Indagado sobre se o excesso de lobbies já em andamento, não prejudicará o resultado final da Constituinte, Aluizio surpreendeu ao revelar uma estatística. Segundo ele, apenas 20% dos constituintes eleitos têm de fato, grande poder econômico. E, mesmo assim, acrescenta o ministro, estes deputados terão vergonha de admitir que foram eleitos em consequência do seu poder econômico, e vão querer mostrar que não pertencem a tais grupos, através de votos progressistas. «Vamos ver muito político reacionário, posando de progressista», brinca Aluizio.

Acordo para votação só saiu às 3h 30

André Meireles

Só às 03h30 da madrugada de segunda-feira, as diversas correntes do PMDB finalmente chegaram a um acordo que previa a eleição algumas horas depois da Mesa da Câmara, e o encaminhamento à Constituinte da definição do papel dos poderes Legislativos, enquanto se elabora a Constituição. Duas horas antes, o PFL, através do deputado José Lourenço, havia concordado com os termos do entendimento, em conversa, por telefone, com o 1º vice-presidente da Câmara, deputado Humberto Souto. Feito o acordo, foram necessários mais uns vinte minutos para a definição de uma saída honrosa para o PMDB, que afinal, era o autor da proposta original.

Na sessão tudo saiu conforme o combinado. Mesmo os protestos do PT e do PCB, já previsíveis não atrapalharam o script definido. O líder Pimenta da Veiga, ao encaminhar o requerimento do partido, cumpriu o seu papel. Humberto Souto, ao deferi-lo parcialmente, garantindo, contudo, a eleição da Mesa, também cumpriu rigorosamente a sua parte.

Os coordenadores do movimento pró-Constituinte exclusiva, autores da moção aprovada na bancada do PMDB, aceitaram o acordo por não terem alternativa. A opção colocada era pior: o deputado Humberto Souto simplesmente ignoraria o requerimento sob alegação de que era anti-regimental e anticonstitucional. Segundo o

deputado Egidio Ferreira Lima, que participou até o final das negociações, o essencial foi preservado: o exame pela Constituinte do funcionamento da Câmara e do Senado, mesmo diante do fato consumado das eleições das duas mesas diretoras.

O deputado Miro Teixeira, outro integrante da coordenação do movimento, assegura que a derrota aparente do grupo em plenário constitui na realidade, uma vitória, pois coloca as decisões finais nas mãos da Constituinte. Reconhece, porém, que o movimento não tinha outra alternativa por não ter qualquer controle sobre a Mesa da Câmara.

Durante todo o dia de domingo, preocupados com a incumbência dada a Humberto Souto para presidir a sessão no lugar de Ulysses, os defensores da Constituinte exclusiva tentaram obter algum tipo de garantia de que sua proposta seria votada em plenário. O próprio Ulysses fez questão de assegurar que não haveria nenhum golpe, mas apelou no sentido de que se obtivesse um acordo, evitando uma divisão partidária em plenária.

Sucessivas reuniões foram feitas, mas sem nenhum resultado efetivo. No início da noite, o deputado José Lourenço foi ao gabinete de Ulysses e fez o ultimato: "O compromisso do PFL com a sua candidatura encerra-se na manhã de segunda-feira. Ou se faz a eleição ou mudaremos de candidato". Ulysses

comunicou a ameaça aos coordenadores de sua campanha. Os líderes de todos os partidos se reuniram e cada um fez um relato da posição de sua bancada. O PFL não está só: o PDS, o PTB e o PDC tinham a mesma posição.

Em conversa com Pimenta, José Lourenço, reafirmou a ameaça feita a Ulysses. O líder do PMDB teve, então, várias reuniões com os grupos favoráveis a eleição imediata da Mesa da Câmara. Sempre mantendo contato com Humberto Souto. Já na madrugada de ontem, a fórmula foi definida. Em seguida, cerca de 01h30, foi comunicada a José Lourenço.

— O Humberto Souto me ligou, comunicou a fórmula e teve o meu apoio — conta José Lourenço.

A partir daí, Pimenta dedicou-se a convencer os descontentes, que insistiam na votação pelo plenário da Moção aprovada na reunião do PMDB. Depois recuaram. Aceitaram o acordo. Cansados, todos foram finalmente dormir para poucas horas depois voltarem para a Câmara dos Deputados.

Na cúpula do PMDB, todos ficaram satisfeitos. Em plenário, o partido cumpriu o seu papel, e se não alcançou exatamente o que propôs a sua bancada, isto se deve a Humberto Souto, do PFL. Enfim, todos se salvaram. E Ulysses foi tranquilamente reeleito.



A sessão começou tensa, com o deputado Cardoso Alves (centro) tendo que gritar para ser ouvido

Souto não cede a pressões

Nem o requerimento do PMDB pedindo o adiamento da eleição, nem as questões de ordem levantadas por parlamentares, demoveram o deputado Humberto Souto (PFL/MG) da firme determinação de realizar a votação na Câmara, ainda que por isso tenha sido chamado de "ditador" e "arbitrário" por seus companheiros. Souto foi firme no desempenho da tarefa que lhe foi delegada, a de cumprir o acordo de lideranças firmado pela manhã que resultou na eleição da Mesa da Câmara, antes da escolha do presidente da Assembleia Nacional Constituinte.

"Esta decisão não foi a plenária" — protestou Roberto Freire (PCB-PE), quando Souto anunciou que não iria aceitar o recurso do deputado José Genoíno (PT-SP), contra a sua decisão de não acatar o requerimento do PMDB. Logo no início da sessão, o líder Pimenta da

Veiga apresentou requerimento em nome da bancada solicitando que fosse encaminhada para deliberação da Assembleia Constituinte, à tarde, a questão do funcionamento da Câmara e Senado e o processo legislativo ordinário.

Regimento O texto do documento pedia que o plenário da Câmara fosse ouvido para deliberar sobre a matéria, mas Souto invocou o Artigo 17 do Regimento Interno, que dispõe sobre as atribuições do presidente da Casa, para decidir, ele mesmo, sobre a matéria. De nada valeram os argumentos de Genoíno, que afirmavam ter o presidente poderes para decidir sobre questões de ordem, como diz o regimento, não sobre requerimentos. Souto decidiu que a Câmara realizaria as eleições e que a Assembleia decidiria sobre o funcionamento da Câmara e Senado.

Único 'xiita'

Impressionado com o tumulto das primeiras sessões da Constituinte, o presidente do PT, Luis Inácio 'Lula' da Silva, propôs ontem ao líder do PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso, que as lideranças partidárias iniciem esforços para assegurar a operacionalidade dos trabalhos da Assembleia.

Dirigindo-se ao senador em tom de brincadeira, comentou Lula: "Você acusa os metalúrgicos de xiitas, mas isso aqui é uma coisa que eu nunca vi numa assembleia de operários. Estou espantado que isso aconteça numa reunião de gente que estudou. É preciso fazer alguma coisa, senão a Constituinte pode não funcionar".

Fernando Henrique Cardoso concordou, ressaltando apenas não considerar todos os metalúrgicos "xiitas": "Só você, Lula".